

ENSEADA AMENA e/ou a morte inatingível

REGINA MARIA TOSCANO FERAH
Professora de Literatura da
Universidade Gama Filho

“O dispositivo é um edifício. O edifício é circular. Sobre a circunferência, em cada andar, as celas. No centro, a torre. Entre o centro e a circunferência, uma zona intermediária.

O cinturão de um muro cerca o edifício. Entre os dois, um caminho de guarda. Para entrar e sair do edifício, para atravessar o muro do cerco, só uma via é disponível. O edifício é fechado.”¹

1 – INTRODUÇÃO

Enseada amena, de Augusto Abelaira, se caracteriza como estrutura de narrativa complexa. Nada nos leva ao “estabelecido”, ao código. Sua linguagem propõe o enunciado como lugar da fábula e a enunciação como lugar da ficção. Isto significa, formalmente, que a narrativa, afastando-se do ideológico, na sua versão do real, e do mítico — não reduplicando o código, mas rompendo-o —, desenvolve-se no simbólico.

Em Augusto Abelaira, teremos sempre a denúncia de uma repressão político-social, gerativa da auto-repressão, e da própria castração. Os personagens receberam um mundo pronto. Não há lugar para o gesto novo. Não adianta viver, produzir, criar. . . Tudo já está talhado e determinado, até a esfera da morte. O questionamento, que surge a todo momento, não chega nunca a um ponto final. Questionam-se as instituições para se colocar, no seu lugar, outras, que serão questionadas pelas futuras gerações. Denuncia-se o casamento para substituí-lo pelo adultério, que se transforma em algo estagnado, estratificado.

O ambiente é de prisão, numa busca da liberdade. Mas todas as tentativas se frustram. Os homens não possuem apenas as grades do social; estão en-

carcerados em si mesmos, a espera da morte – rompimento de todas as amarras.

O discurso da narrativa centra-se na rarefação da discursividade lógica, onde a fala dos personagens se propõe como um fluir contínuo, testemunho de tudo que se compreende (ou não). Isto relativiza um sistema de relações do tipo denotativo de segundo grau, em que há a instauração do paradigma, já que a relação entre os elementos do discurso se dá em ausência.

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1 – O olhar público – des-moralização da instituição como LEI

A narrativa de Abelaira propõe a repressão do homem pelas instituições. O casamento, a família, o governo, o ensino se põem como máquinas onipresentes a pressionar os personagens, desgastando-os, reduzindo-os a **máscaras de representação, comportamentos previsíveis**, que nem o adultério, a delação, a expulsão de alunos, a própria morte física conseguem eliminar.

“... a Morte não existe, cada um tem a sua própria morte. . . Aí tens: pensei que tu eras a minha morte, a minha, a pessoal, a que não pertencerá a mais ninguém. . .”¹

“Por amor. Um mês antes, terá confessado à polícia muitos segredos que soubera esconder até aí, passando assim uma esponja por cima de dois anos de resistência. Uma confissão quase completa (. . .) embora sentisse coragem para aguentar mais de um ano até o fim da pena. Mas propôs uma troca que foi aceite. Citou nomes (apesar de tudo escondeu alguns). . .”²

“Cansada, sobretudo, pois nessa manhã teve de pôr um aluno fora da aula. E injustamente. Injustamente, talvez não. Uma turma do quarto ano, quase todos prepotentes, uma turma em que tem de expulsar de vez em quando um aluno, e ao acaso: descobriu que a arbitrariedade intimida muito mais do que a justiça. . .”³

“ – Morreu . . . Antes, porém . . . Antes de morrer tinha-se ido embora . . . (. . .) Percebi depois que eu era feliz, ela não. . . E ainda hoje isso me espanta: como pude viver durante cinco anos com uma mulher, ser inteiramente feliz, e não dar por que ela não o era?”⁴

O papel controlador das instituições – lugar da CULTURA – é assumido por Fernando Alpoim – a moralidade, o olhar público, metáfora do Olho da consciência, Olho escondido que me olha “ . . . ainda quando não me esteja vendo (. . .) que, ao se esconder na sombra, intensifica todos os seus poderes”.⁵

“O Alpoim que, apesar dos seus trinta e oito anos, ainda existe apenas no futuro. O Alpoim que está talhado pelos deuses para ser o moralista dessa história (porque isto, iludido leitor, é uma

história, não a realidade), o homem necessário para equilibrar algo que os deuses prevêem desequilibrado e que lhes mete medo . . .”⁶

A utilidade da castração pelo **status quo** suprime a essência da dor e do sofrimento. Os personagens sofrem calculadamente, já que o trabalho-sofrimento é lucro, em termos de moralização.

“ . . . a vida é tão breve que podemos perfeitamente sofrer, que isso não tem qualquer importância, que nem pode chamar-se sofrer a uma coisa tão brusca, tão rápida. . .”⁷

“E temos de aproveitar o tempo, estar acordados o mais que pudermos, os anos de vida são tão poucos! Adormecer, nunca. . .”⁸



Augusto Abelaira.

E, como não se pode viver — ou se vive como sujeição —, e não se pode Morrer — porque se se morre, alcança-se a liberdade — os personagens são sujeitos submissos, governáveis, buscando continuamente o princípio do prazer, o gozo, mas tendo-os sempre como ausência: “. . . o homem é submisso; ele é governável; ele é, por natureza, desnaturável pela sensibilidade; basta, para conduzi-lo segurar as alavancas que ativam suas molas; procurando o prazer,

fugindo da dor, ele é uma máquina elementar, entregue pela Natureza ao poder dos distribuidores da felicidade”.⁹

“Se tivesse a certeza de que seria feliz, absolutamente feliz, trocando-te por alguém, trocava-te sem a mais leve hesitação. Mas não tenho, nunca terei. . .”¹⁰

“A velhice que avança, a morte que nos espera, os próprios instantes de felicidade que se gastam, o amor que não pode repetir-se indefinidamente, nós que nunca somos o que desejáramos ser. . .”¹¹

As LEIS não permitem saída, a palavra prende-se como Verdade.

“Não tem a certeza de estar a dizer a verdade, mas o que se diz é sempre verdadeiro se estiver a ser dito com convicção de que é verdadeiro.”¹²

Maria José vislumbra uma abertura.

“Maria José descobriu que, no fim das aulas, em vez de correr imediatamente para a sala dos professores, era mais interessante ficar a conversar com os alunos. Eles também tinham percebido que alguma coisa se havia passado e aproximavam-se dela mal a companhia tocava. . .”¹³

2.2 – Amenidade: o mito da Morte ou a falsa morte

“O homem não é ser-para-a-morte porque sabe chegará a ela, mas porque veio dela e vai para ela sem jamais atingi-la outra vez: vai nela e com ela, no seu empuxo inicial”²

Tomando-se o homem como uma relação ecossistêmica entre dois íntegrons — um, puramente biológico, sistema; outro, inconsciente, sistema —, instaura-se um campo de existência que supõe a morte: “. . . o destino do homem é que ele não pode morrer: já é morto, só lhe resta ‘viver’ (manifestar-se), ou perecer (quer dizer, desaparecer): o homem é i-mortal”.¹⁴

Temos em **Enseada amena** a Morte como reduto significante, já que os seres humanos se põem como sistemas que se desorganizam a tal ponto que não se podem manter como indivíduos **inteiros/íntegrons**.

“Angustiado ou afeito à morte? Olharás para os vivos que te rodeiam com inveja ou indiferença, desejosos de que tudo se resolva o mais depressa possível? Lúcido e sabedor de que a morte é o fim ou quem sabe se o princípio? Ou talvez a tua morte não tenha essa serenidade.”¹⁵

A desorganização dos personagens resulta de uma ausência de plenitude: o não-ser feliz, o não-ser novo, o não-ser fiel, o não-ser amado, o não-amar, consequência de rutura com o social, posto como o lugar da LEI, como a interdição do desejo. Assim, Osório não é pleno porque o filho logrou a relação homem-mulher:

“Há, como sempre, pensas no filho, não em nós. Quantas vezes me pergunto. . . Um filho deve unir um casal. (. . .) Não! Sepára-nos! Está entre nós muitas vezes. . .”¹⁶

Não é **pleno** no adultério, porque Ana Isa nunca consegue superar o vazio da relação homem-mulher, lograda em Osório/Maria José.

“Vi-te o outro dia no cinema, mas não deste por mim. (. . .) É tua mulher uma loira com bandós, talvez um nadinha mais alta do que tu? E um ar calmo, repousado. . . (. . .) não tiravas os olhos dela, parecia fascinar.”¹⁷

Não é **pleno** na família, porque continua **solteiro, uno**.

“Que é ser pai, ser marido, pertencer a uma família? Nem é pai, nem mãe, não pertence a nenhuma família, pois continua a ser o que era antes de casar e se não é diferente do que era, então continua solteiro. (. . .) Que espécie de livro? Talvez o livro do homem que é casado e até gosta da mulher, mas que um dia percebe que não é casado, pois se sente solteiro (e que não é solteiro, pois está casado).”¹⁸

Não é **pleno**, porque também não é solteiro.

“Não voltarei mais para casa. . . — Que é ser pai, ser marido, pertencer a uma família, e todavia eis a verdade: não é solteiro. . . (. . .) Sim, não é solteiro, nunca foi solteiro, ou, pelo menos, quando foi solteiro não era solteiro, era filho.”¹⁹

Não é **pleno** no social, porque não consegue romper com o rotineiro do **status quo** estabelecido.

Assim também Maria José, não-plenitude do casamento e no liceu.

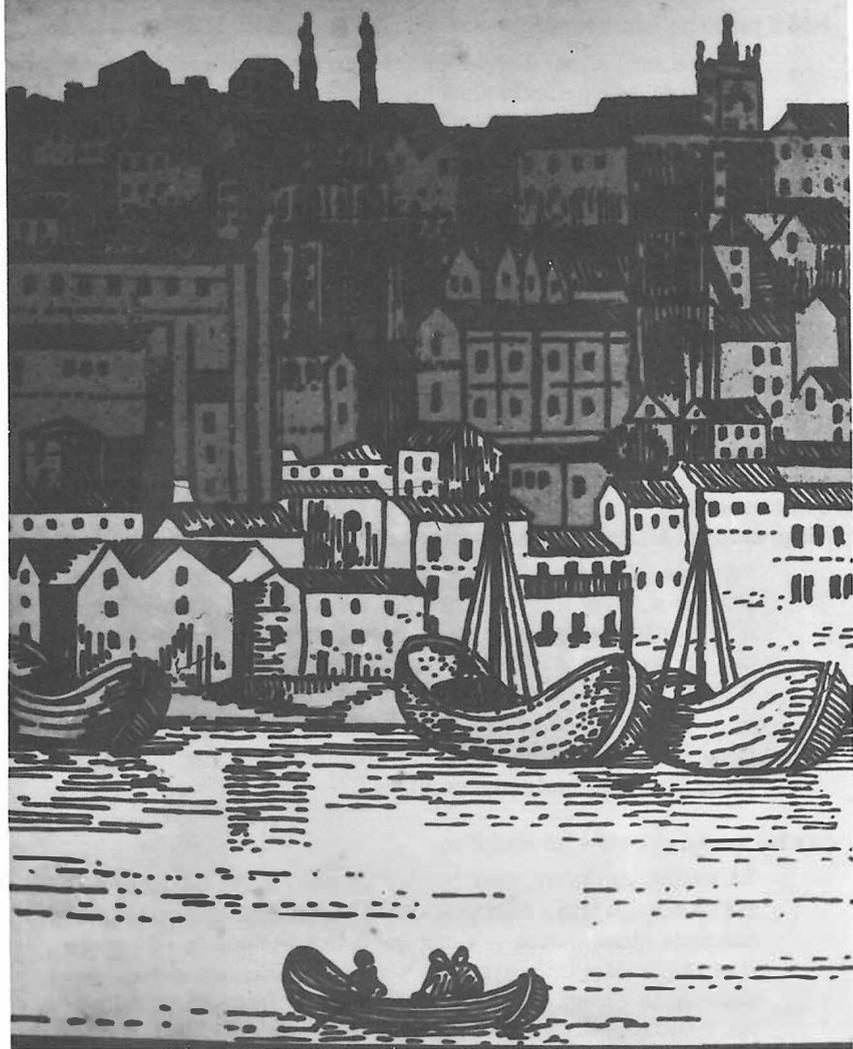
“Gostaria de resistir, sempre que percebe que ele não a procura por amor, mas simplesmente por ser mulher, (como se outra qualquer lhe servisse); alegra-se então com esta desculpa: “Deixo que me procure, não porque tu és tu, mas simplesmente porque és homem (como se outro qualquer me servisse).”²⁰

“. . . Puseram-me um gafanhoto na sala. (. . .) Ataram-lhe uma linha às patas. Pus ao acaso um dos rapazes na rua. Ao acaso, como faziam os nazis com os reféns.”²¹

Ana Isa, no casamento e no adultério.

“Amândio ou Osório, qual destas duas palavras lhe dá maior prazer? Amândio tem a vantagem do ‘m’, uma labial que ao ser pronunciada quase parece — ainda que a imagem seja de mau gosto — um beijo. Mas Osório, aquele ‘s’ que, ajeitado pela língua, subitamente se escapa através de uma pequena fresta entre os dentes, como o vento, ele próprio vento, numa janela?”²²

Augusto Abelaira
ENSEADA AMENA



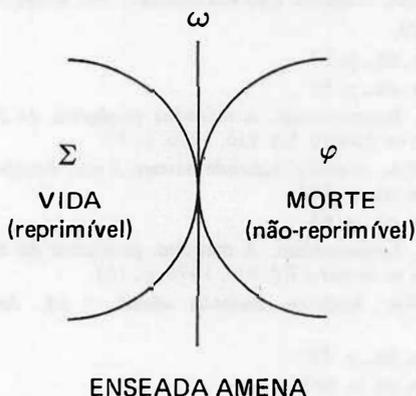
Amândio, no casamento, em suas convicções ideológicas.

“Por amor, um mês antes terá confessado à polícia muitos segredos que soubera esconder até aí, passando assim uma esponja por cima de dois anos de resistência. Uma confissão quase completa (...) embora “sentisse coragem para agüentar mais um ano até o fim da pena. Mas propôs uma troca que foi aceite. Citou nomes (apesar de tudo escondeu alguns) e no dia seguinte baixava ao hospital. . .”²³

“Já não creio, não estou inteiramente convencido da marcha irreversível da História, mas tenho vergonha de não acreditar, estou disposto a fingir que acredito, estou disposto a fazer coisas como tu, a mergulhar nos subterrâneos, a ser outro homem, a ter outro nome. . .”²⁴

Institui-se, portanto, um desequilíbrio na ecossistêmica dos seres, uma vez que a libertação deveria surgir de uma equiprobabilidade entre Σ (biológico/vivo, reprimível) e φ (inconsciente, não-reprimível). Tal não se dá. Aparece, então, a castração (ω) como algo que se coloca como mediador entre Σ e φ , morte falsa recaindo na vida, que recalca a morte, nunca alcançada porque supõe não-interdição.

Dessa forma, Enseada amena pode reduzir-se ao gráfico:



“Escolheu o preto no dia da morte do filho, depois nunca mais tirou o luto (ou tirou o luto, mas manteve o preto).”²⁵

“Há bocado quando te vi vestida de preto, mulher de luto (...) sabes o que pensei? Que eras a morte e que vinhas buscar-me. . .”²⁶

3 – CONCLUSÃO

Osório-Ana Isa-Maria José-Amândio-Alpoim:

“. . . o espaço fechado é sem profundidade, planejado, oferecido a um olho único, solitário, central. Está banhado de luz. Nada, ninguém, ali se dissimula, senão o próprio olhar onividente, invisível. A vigilância confisca o olhar à sua fruição, apropria-se do poder de ver, e a ele submete o recluso.

“No edifício opaco e circular, é a luz que aprisiona.”²⁷

4 – BIBLIOGRAFIA

4.1 – Bibliografia

- ABELAIRA, Augusto. Enseada amena. 2 ec.. Amora, Bertrand 1971
CLÉMENT, Catherine et alli. Lugar 7. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1975.
COSTA LIMA, Luís. A metamorfose do silêncio. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.
FAGES, J. B. Para compreender Lacan. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1975.
M. D., Magno. Gerúndio. In Lugar 4. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1974.
MENDONÇA, Antônio Sérgio Lima. Por uma teoria do simbólico. Petrópolis, Vozes, 1974.
MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In Lugar 8. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976.

4.2 – Notas bibliográficas

- 1 – ABELAIRA, Augusto. Enseada amena. 2 ed.. Amadora, Bertrand 1971 p. 108
- 2 – IDEM, 149.
- 3 – IDEM, op. cit., p. 17
- 4 – IDEM, op. cit., p. 83
- 5 – MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: Lugar 8, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976. p. 77
- 6 – ABELAIRA, Augusto. Enseada amena. 2 ed.. Amadora, Bertrand 1971 p. 51
- 7 – IDEM, op. cit., p. 103
- 8 – IDEM, op. cit., p. 63
- 9 – MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: Lugar 8, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976. p. 101
- 10 – ABELAIRA, Augusto. Enseada amena. 2 ed.. Amadora, Bertrand 1971 p. 48-49
- 11 – IDEM, op. cit., p. 49
- 12 – IDEM, op. cit. p. 102
- 13 – IDEM, op. cit. p. 13
- 14 – M. D., Magno. O lugar do zero III. In: Lugar 4, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1974. p. 47
- 15 – ABELAIRA, Augusto. Enseada amena. 2 ed.. Amadora, Bertrand 1971 p. 101-102
- 16.– IDEM, op. cit., p. 111
- 17 – IDEM, op. cit., p. 15
- 18 – IDEM, op. cit., p. 136
- 19 – IDEM, op. cit., p. 287-288

- 20 – IDEM, *op. cit.*, p. 25
 - 21 – IDEM, *op. cit.*, p. 20-21
 - 22 – IDEM, *op. cit.*, p. 107
 - 23 – IDEM, *op. cit.*, p. 148-149
 - 24 – IDEM, *op. cit.*, p. 59-60
 - 25 – IDEM, *op. cit.*, p. 105
 - 26 – IDEM, *op. cit.*, p. 105
 - 27 – MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: Lugar 8, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976. p. 77
- 4.3 – Epígrafes
- 1 – MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: Lugar 8, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1976. p. 77
 - 2 – M. D., Magno. Gerúndio. In: Lugar 4, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1974. p. 47